

MOTIVAÇÕES NARRADAS POR PROFESSORES PARA FAZER EDUCAÇÃO AMBIENTAL NA ESCOLA: PLANTANDO SEMENTINHAS PARA TRANSFORMAR

Vânia de Moraes Teixeira Dias, Vilmar Alves Pereira, Tânia Maria de Moraes Vieira da Fonseca
Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde, Universidade Federal do Rio Grande – FURG, Brasil.
vaniamt@yahoo.com.br, vilmar1973@gmail.com, taniavieirafonseca@yahoo.com.br.

RESUMO: Sendo a Educação Ambiental (EA) uma obrigatoriedade tida como um componente essencial e permanente da Educação nacional, devendo estar incluída nos currículos escolares como tema transversal, e partindo do pressuposto de que os professores das séries iniciais do ensino fundamental desenvolvem práticas de Educação Ambiental, o objetivo deste trabalho é compreender as motivações narradas por professores para fazer Educação Ambiental no contexto escolar. Para a coleta de dados, utilizamos a entrevista semiaberta e, como metodologia de análise, a Análise Textual Discursiva. Os resultados apontam que o principal motivador do trabalho docente é a atitude esperançosa de um futuro melhor, resultante de uma transformação societária.

PALAVRAS-CHAVE: Educação Ambiental, Motivações de Professores, Sensibilização.

OBJETIVOS

Investigar as principais motivações narradas por professoras para fazer Educação Ambiental na escola.

MARCO TEÓRICO

As ideias que envolvem a mudança de comportamento sempre estiveram presentes no âmbito da Educação. Assim, como afirma Kilpatrick,

Provavelmente, a maneira mais comum de se conceber a educação é considerá-la como o processo através do qual adquirimos nossas formas de comportamento. Isso, certamente, se considerarmos o termo “comportamento” em seu significado mais geral, a fim de incluir atitudes e crenças, bem como as formas mais externas de resposta. (2011, p. 61)

A Educação Ambiental (EA) também tem como um de seus objetivos a mudança de comportamentos que, de acordo com Reigota (2009, p. 55), pode “Levar os indivíduos e os grupos a adquirir o sentido dos valores sociais, um sentimento profundo de interesse pelo

meio ambiente e a vontade de contribuir para a sua proteção e qualidade”. No entanto, esse mesmo autor fala da dificuldade que é mudar um comportamento sem cair em um discurso moralista de “bom comportamento”. Sobre isso, fazemos uma relação com o texto dos Parâmetros Curriculares Nacionais, que estabelece as principais funções do trabalho relacionado ao tema Meio ambiente na escola. Além de propor mudanças que envolvem atitudes, ações e valores, encontra-se apresentado, também no texto, o desenvolvimento de comportamentos ambientalmente corretos:

Comportamentos “ambientalmente corretos” serão aprendidos na prática do dia a dia na escola: gestos de solidariedade, hábitos de higiene pessoal e dos diversos ambientes, participação em pequenas negociações podem ser exemplos disso. (Brasil, 1997, p. 25)

Embora a expressão venha marcada entre aspas, ela não deixa de ser a ênfase da proposta. Promover comportamentos ambientalmente corretos mais uma vez evidencia a expectativa que a sociedade tem com a Educação escolar e, especificamente, com a Educação Ambiental, dada a emergência na busca por soluções para os problemas ambientais. No entanto, Carvalho (2008, p. 181) lembra que “o grande desafio da EA é, pois, ir além da aprendizagem comportamental, engajando-se na construção de uma cultura cidadã e na formação de atitudes ecológicas”. Se o que se quer é uma sociedade justa e ambientalmente saudável, é claro que preparar os alunos apenas para apresentar comportamentos isolados, que refletem esse “bom comportamento” esperado, praticamente de forma mecânica, não promove uma aprendizagem capaz de orientá-los no sentido de possibilitar escolhas coerentes.

Atitudes ambientalmente corretas também podem estar relacionadas com a conscientização, que se refere à tomada de conhecimento ou de consciência das próprias atividades ou atitudes. Ao atribuímos essa compreensão sobre a conscientização, temos que considerar que “uma pessoa não passa automaticamente a sua consciência sobre qualquer tema a outra pessoa, apenas pela transmissão de conhecimentos” (Reigota, 2009, p. 54). Ou, ainda, como Freire (1991, p. 114) lembra, pensar a conscientização como se ela fosse “uma pílula mágica a ser aplicada em doses diferentes com vistas à mudança do mundo” seria impossível, já que ela se situa no campo da possibilidade, própria de cada sujeito, e não da certeza. Ao romper com essa proposta de conscientizar, surge o termo sensibilizar, que se refere a tornar alguém sensível aos problemas ambientais ou sociais, tendo como intenção levar as pessoas a sentir o que antes não sentiam, sendo um “sentido de doação, de integração, de pertencimento à natureza” (Guimarães, 2004, p.86).

Seja conscientizando ou sensibilizando, o fato é que está enraizado na compreensão de senso comum que a esperança de um ambiente ecologicamente saudável está nas mãos das próximas gerações. Podemos relacionar esse argumento com o artigo 225 da constituição federal de 1988, que estabelece que “Todos têm direito ao meio ambiente ecologicamente equilibrado, bem de uso comum do povo e essencial à sadia qualidade de vida”, cabendo “ao Poder Público e à coletividade o dever de defendê-lo e preservá-lo para as presentes e futuras gerações”. Assim, ao investigarmos o trabalho desenvolvido por professores da Educação Inicial, é claro que a relação com as futuras gerações é estreita.

Neste texto, nossa intenção foi a de resgatar e interpretar as narrativas de professores em relação aos sentidos e compreensões por eles assumidas para a realização da Educação Ambiental no contexto escolar, ou seja, fazer uma análise de seus discursos que envolvem as motivações por eles apresentados para fazer Educação Ambiental nas salas de aula.

METODOLOGIA

A metodologia utilizada teve caráter qualitativo e as abordagens epistemológicas são de cunho fenomenológico e hermenêutico. A condição primeira para a participação na pesquisa era de que os sujeitos

investigados fossem professores e se assumissem educadores ambientais. Nesse sentido, os professores participantes não foram selecionados por meio da observação de suas práticas, ou seja, não julgamos, *a priori*, como sendo ou não Educação Ambiental, mas participaram aqueles que disseram desenvolver a temática ambiental em suas práticas pedagógicas e que se assumiram educadores ambientais.

Portanto, participaram da pesquisa quatro professoras educadoras ambientais, duas que atuam na Educação Infantil e duas que atuam nas séries iniciais do Ensino Fundamental. As professoras pesquisadas, que tiveram suas identidades preservadas com nomes fictícios, atuam em diferentes escolas públicas da Rede Municipal de Ensino de Rio Grande, Rio Grande do Sul, Brasil. As escolas estão localizadas em diferentes realidades socioambientais do município de Rio Grande, algumas em área limítrofe entre o centro da cidade e a periferia, e outras em área nobre. Com isso, buscamos trazer para a pesquisa as mais diferentes narrativas e as mais variadas possibilidades de práticas educativas ambientais.

Para a coleta de dados, utilizamos a entrevista semiestruturada e a produção escrita em um diário, em que as professoras narraram uma semana de histórias de sala de aula. As narrativas obtidas foram transcritas e analisadas por meio da Análise Textual Discursiva, um em processo recursivo de escrita que se inicia com a produção de unidades de sentido para posterior categorização e elaboração de metatextos (Moraes; Galiazzi, 2007).

A partir da análise, três categorias emergiram: (I) Os porquês da EA na escola: plantando sementinhas para transformar, (II) Fazendo EA na escola: uma trama de possibilidades e (III) As desventuras da EA na escola: comprometer-se dá trabalho. Este trabalho aborda a categoria I, discutindo as principais motivações apresentadas pelas professoras para fazer Educação Ambiental na escola.

RESULTADOS

As narrativas das professoras abordaram a promoção de mudanças de comportamentos a partir de uma proposta pedagógica de Educação Ambiental. Sobre isso, a professora Carolina relata que:

É, na escola, por causa disso, a gente tem ali à disposição todo o material humano necessário para essa luta, para essa briga de melhorar as condições humanas, melhorar o ambiente todo, a partir das crianças. E aí, então, melhor que isso que a gente tem tudo aqui. As crianças todas adotam, as colegas até de um jeito ou de outro, tu acabas influenciando. Através das crianças, influencia a família, vai direto para o pai, e os colegas, que de repente, estão vendo alguma coisa assim, também se interessam.

O que podemos perceber é que sua intenção em desenvolver a EA é a de engajar os alunos na luta pela salvação do planeta. Assim, ela propõe que, ao trabalhar a Educação Ambiental com as crianças, existe uma esperança de melhorar a sociedade e o ambiente como um todo. Ela também aposta que a EA desenvolvida na escola acaba influenciando os familiares dos alunos e, até mesmo, os colegas de trabalho. Embora ela não utilize o termo “mudança de comportamento”, ao dizer que as crianças todas “adotam”, é possível que esteja se referindo à adoção de diferentes comportamentos que condizem com essa luta que a professora propõe ser a EA.

Também com o sentido de propor aprendizagens comportamentais, Fátima anuncia, “Por que eu vou me preocupar em mudar comportamentos, se eu posso contribuir pra construção de sujeitos que pensam de uma maneira diferente?”. A partir deste trecho, é possível perceber que a preocupação da professora é a de fazer pensar, de refletir sobre os problemas ambientais de modo que cada um internalize a aprendizagem, propondo a formação de sujeitos que sejam capazes de ponderar sobre qual comportamento ou atitude ter, condizentes com o novo conhecimento que tem.

Outra discussão abordada pelas professoras também revela parte de suas motivações para fazer a Educação Ambiental na escola: a de utilizá-la como forma de conscientizar ou de sensibilizar as pessoas

sobre os problemas ambientais. Sobre isso, existiram aquelas que defendem a conscientização e outras que disseram ser impossível conscientizar alguém, mas sim, sensibilizar. Assim, a professora Rita aposta na conscientização, e afirma que “Começa pela consciência. Eu acho que a EA é uma conscientização. A gente só faz alguma coisa quando a gente acredita”. E segue apresentando a sua compreensão sobre o tema:

Tem sempre uma pessoa que é mais consciente e que já pode... Isso eu me acho assim, se eu posso, não vou tentar mudar a tua opinião, mas eu vou tentar te explicar... olha... isso aqui eu já pesquisei, já me informei, é assim que funciona, a gente tá fazendo errado. Sabe, esse tipo de coisa eu gosto, eu tenho em mim assim, de poder informar. Eu acho que as pessoas se tiverem melhor informadas, melhor pra todo mundo. E conscientizar. Se não, não vai se proliferando isso.

A narrativa de Rita expressa um sentido para a conscientização como maneira de explicar, de informar, de mostrar o que é certo, a partir do que cada um acredita ser certo. Ela também faz referência a quem tem a autoridade em conscientizar alguém, como sendo aquele que já pesquisou sobre o tema, que tem o conhecimento para ser passado. A professora se percebe como esse alguém, capaz de conscientizar, ao explicar o que sabe, sem a intenção de mudar opiniões. Podemos compreender disso que, para essa professora, a conscientização é sinônimo de informação.

Ainda sobre a conscientização, a professora Carolina afirma que “Conscientiza aos poucos. Vai, alguma coisinha vai ficando. Vai conscientizando. Conscientizar de tudo não porque às vezes passa o ano, de 30, ficando em 10 essa consciência eu já tô feliz da vida”. Em “alguma coisinha vai ficando”, podemos interpretar como algumas aprendizagens, algumas informações, alguns comportamentos, valores ou atitudes são “ensinados” aos alunos.

Por outro lado, a professora Fátima tem na sensibilização o seu foco de trabalho. Ela narra, “Eu acho que a gente sensibiliza. Eu acho não, eu tenho certeza. Porque eu vou te sensibilizar, e tu vai criar, tu vais tomar ciência, vais tomar conhecimento, tu vais ter que realmente, pelos exemplos, tu vais ver que realmente faz a diferença”. Embora essa professora afirme apostar na sensibilização, em sua justificativa, ela parece referir-se também à conscientização, ao dizer que é a partir do conhecimento, ao tomar ciência, ao aprender a partir de exemplos, que as pessoas são capazes de perceber que suas atitudes podem transformar, podem fazer a diferença. E ela complementa dizendo que “Ah, dizem, plantei a sementinha, e tu planta, no momento em que tu começa a divulgar o que tu faz, a conversar, a falar sobre o que tu fazes, e dar o teu exemplo, eu acho que tu já plantaste”.

Utilizando-se da mesma metáfora de plantar sementinhas, Rita afirma que toda a aprendizagem promovida a partir de uma proposta de Educação Ambiental trata-se de uma projeção de um futuro melhor. Segundo ela:

Aí tu vais começar a pensar pro futuro, tu vais plantar alguma coisa com a educação ambiental, não pra tu colher amanhã, hoje pra colher amanhã, em seguidinha né, tu vais fazer algo hoje pra que lá no futuro, de repente as novas gerações.

É acreditando que a criança pode mudar o futuro que Rita afirma:

Quando eu fui trabalhar com criança, que eu escolhi isso, por que eu acho que a criança que vai mudar, por que se a criança... Tem que de alguma maneira... Essa criança tem que... tu entende? Ela pode seguir os passos sozinha. É a esperança.

Com essa mesma atitude esperançosa, Carolina afirma que “Trabalhar com crianças tem que ser a solução né, eu trabalho só com as crianças pequenas, se não for com elas...”. Em outro trecho, ela também afirma que “A cada aula dada, vislumbro uma educação do meu aluno como um todo, com implicações a longo prazo, fazendo com que seja uma promessa de um planeta melhor”.

CONCLUSÕES

A Educação Ambiental pode ser considerada uma prática e uma proposta de ensino. Por essa razão, ao ser desenvolvida na escola, ela pode ter diferentes sentidos. Entre eles, as professoras referem-se à EA como uma possibilidade de mudar comportamentos, valores e atitudes dos alunos, de conscientizar ou de sensibilizá-los, e, fundamentalmente, que a EA apresenta o sentido de plantar sementinhas que serão colhidas no futuro, já que, ao trabalhar com crianças, as professoras as percebem como a esperança de transformação da sociedade.

Concluimos que o principal motivador narrado pelas professoras pesquisadas é o sentimento esperançoso de um futuro melhor, que pode ser alcançado a partir da EA. Ainda assim, fica evidente que, embora elas projetem para o futuro o resultado de seus trabalhos, elas objetivam, em última instância, a emancipação de seus discentes, ou seja, que esses que pensem por si próprios e sejam capazes de tomar decisões acertadas no futuro.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. (1997). *Parâmetros curriculares nacionais: meio ambiente e saúde*. Brasília.
- CARVALHO, I. C. M. (2008). *Educação Ambiental: a formação do sujeito ecológico*. São Paulo: Cortez.
- FREIRE, P. (1991). *A educação na cidade*. São Paulo: Cortez.
- GUIMARÃES, M. (2004). *A formação de educadores ambientais*. Campinas: Papirus.
- KILPATRICK, W. H. (2011). *Educação para uma sociedade em transformação*. Petrópolis: Vozes.
- MORAES, R. y GALIAZZI, M. C. (2007). *Análise textual discursiva*. Ijuí: Unijuí.
- REIGOTA, M. (2009). *O que é educação ambiental*. São Paulo: Brasiliense.